APPARECE TODAS AS QUINTAS-FEIRAS

NA BARRICADA

Jornal de combate e de critica social

«QUEM VAE A UMA BARRICADA PRECIZA LEVAR, ALÉM DE UMA ESPINGARDA NA MÃO, UMA IDEIA NO CEREBRO»

ANNO I — NUMERO 20

Redacção e administração — Rua do Rosario Nº 170

Director: Orlando Corrêa Lopes

Brazil — Rio de Janeiro, 21 de Outubro de 1915

Assignaturas

Brazil — anno. . . 5$000 — Exterior — anno. . . . 7$000

Numero avulso 100 rs. — Numero atrazado 200 rs.

Int. Instituut Soc. Geschiedenis Amsterdam

Collaboração

São collaboradores effectivos de **"Na Barricada": Lopes Trovão, Fabio Luz, Pedro do Coutto, Coelho Lisbôa, José Oiticica, Carlos de Vasconcellos, Campos de Medeiros, Sampaio Ferraz, Hermes Fontes, Domingos Ribeiro Filho, Theodoro de Magalhães, Reis Carvalho, Mauricio de Lacerda, Sarandy Raposo, Silva Marques, etc.**

NOTA Á MARGEM

Estava com a razão e não me enganei, beseado nos dados adquiridos pela observação, quando nas primeiras *notas* que escrevi, affirmei estar Pedro do Coutto satisfeito com a engrenagem da organização social *da hora andante*, por ser ella uma *contingencia fatal*, no seu modo de entender, *como a lei da gravitação universal*. A organisação social do futuro, como elle pensa, não é nada do futuro; é a que ahi está: a do industrialismo.

Bem affirmou elle estar afastado do comtismo.

Lá, a solução da questão social, num *futuro que ainda está longe*, virá com a dictadura scientifica e as classes sociaes, a começar dos banqueiros.

A que Pedro do Coutto suppõe ser a organização futura é a que ahi está.

O industrialismo tudo domina; ha a industria da politica, a industria dos empregos publicos, a industria dos titulos e diplomas academicos, a industria da instrucção, a industria das eleições, a industria da direcção das fabricas e do açambarcamento das riquezas, a industria das actas eleitoraes com a ficção da soberania nacional, a escolha do mais digno pelos processos eleitoraes em que são qualificados os cidadãos que compõem os *syndicatos politicos que tudo exploram*, no dizer do brilhante articulista.

Por simples questão de amor proprio ou para não perder seus fóros de politico republicano militante, mantem-se Pedro do Coutto teimosamente na defeza do que elle denomina governo, e que vae amesquinhando cada vez mais em seus artigos, ora cassando-lhe o *mandato, aliás muito naturalmente*, no caso de haver *chefe de governo agindo em contrario á vontade de seus patricios* (leia-se eleitores); ora usando da força para *compelil-o a não ser mais do que o expoente de suas opiniões, o executor de suas idéas*.

Tudo isso representa a aspiração republicana, com *seu mandato imperativo*, cassação de diploma por falta de correspondencia de ideaes entre o eleitorado e o eleito; *pronunciamentos* á mão armada para deposições dos governos; instabilidade e desmoralização dos governos; salvação á moda das intervenções no Mexico e nos Estados Federados do Brazil.

Tampouco será hereditario, o que não implica o impedimento na escolha do filho ou parente de quem fôr governo ou de quem tenha sido, desde que se apresente capaz.

Não valia o trabalho de propagar ideaes de renovação social, e aspirar a formas novas de organização social, para chegar a este resultado. Quem melhor preparado para governar do que o filho do rei, que se educa especialmente para esse mister? Por ventura a princeza Isabel não déra sobejas provas de capacidade governamental e não foi impedida de ser rainha pela onda republicana?

Tudo na organização social, que Pedro do Coutto *pensa* ser a melhor, é o que ahi está, no descalabro dos governos, quer monarchicos, quer republicanos. Apenas ha uma concessão, na sociedade *futura* de Pedro do Coutto, feita ao Positivismo, que é a das pequenas patrias. A dictadura sem prazo e sem fim, á moda de Porphirio Diaz, lá está. A possibilidade da formação das oligarchias; a probabilidade de qualquer Bernardotte formar dynastia e entrar no Almanaque de Gotta; o dominio do industrial burguez, apezar *do papel bastante simplificado dos governos*, tambem figura na organização futura de Pedro do Coutto, organização que em nada differe do capitalismo absorvente de hoje, que sómente realizará a *divisão dos officios e a convergencia dos esforços* em proveito exclusivo de seus interesses egotistas, e ferozmente deshumanos.

Affirmando a *fallencia da sociedade actual*, Pedro do Coutto faz uma applicação homeopathica no seu tratamento, dando-lhe para sua salvação o proprio mal, ou aquillo que já produziu o mal e é capaz de produzil-o sempre.

FABIO LUZ

Rio, 14 de Outubro de 1915.

AO DR. JOSÉ OITICICA

PRESADO CONFRADE

A situação de inferioridade em que me colloca o meu estado de saude, situação aggravada ainda por multiplas preoccupações, não me tem permittido responder uma a uma as preciosas cartas que vão motivando estas despretenciosas palestras.

Certo de que o meu illustrado confrade será bastante generoso para revelar-me esta falta involuntaria, vou procurar responder aqui aos topicos essenciaes das suas duas ultimas cartas.

Já disse a razão por que sympathizo com as idéas anarchistas. Confrontando-as com o socialismo propriamente dito, vejo neste uma confissão de fraqueza, de falta absoluta de confiança na acção individual que o leva a preferir a condição abjecta de senhor escravizado á de escravo revoltado, infinitamente mais digna.

Sentindo-se incapazes de viver sem direcção de outrem, querendo ser independentes, mas não podendo conquistar essa independencia por suas proprias forças, os socialistas abandonam-se incondicionalmente ao jugo do Estado-Moloch e fazem assim duma ficção monstruosa uma especie de protector anonymo.

O anarchista, ao contrario, é um homem forte, capaz de se dirigir, e por isso mesmo não cessa de affirmar a sua individualidade, dispensando a protecção humilhante, em tróca da qual o socialista faz abstracção da sua personalidade.

Mas, convencido do seu valor, porque os chamados valores sociaes não são senão differentes syntheses dos valores individuaes, não se resignam a acceitar a situação presidida pelo Estado, situação em que a grande maioria é, impiedosa e cruelmente, sacrificada a uma diminuta minoria de afortunados, cujo bem estar material não resulta em regra senão do roubo nas suas varias modalidades.

E como é o Estado ou governo organizado a força que protege essa estagnação de injustiças e miserias, elle condemna preliminarmente toda a especie de archia.

Mas não é a archia em si que deve ser considerada, é a archia immoral, a archia injusta, a archia que protege e fomenta a desigualdade no dominio dos proprios direitos naturaes que o homem já possuia e sabia defender com mais ou menos efficacia, antes de constituir-se em sociedade; é o Estado regulador de tudo, que annula o individuo, sem protegel-o realmente, que fecha os olhos aos assaltos á fortuna publica e particular, aos crimes de toda a especie, quando praticados pelos detentores do poder ou os seus comparsas, e folga com a condemnação dum infeliz que se apoderou dum pão para matar a fome.

Mas, dirá o amigo dr. José Oiticica: não é possivel organizar um governo que não seja dessa especie, porque todo governo tende para o abuso, e nisto estamos de perfeito accordo.

Reflicta, porém, o illustrado confrade que o governo é composto de poucos individuos, e se a maioria ou totalidade dos homens, fixados num determinado territorio, não conseguem escolher alguns dentre elles dotados da moralidade necessaria á pratica do bem, de modo que ninguem se queixe de injustiça, como será possivel evitar o abuso entre individuos de temperamento e inclinação diversos, quando elles não têm contas a dar senão a si mesmos?

Sustenta o dr. José Oiticica que a causa desses abusos, dos crimes e torpezas de que a maioria dos homens dão repetidos e multiplos exemplos são simplesmente o governo e a propriedade privada.

Quanto aos governos estamos de accordo num ponto, é que elles têm sido até a hora presente mais prejudiciaes do que uteis aos povos, precisamente porque se compõem de homens.

Mas admittamos que a propriedade privada seja tambem por muito neste regimen de injustiças e miserias. Que resta então a fazer? Acabar com ambos, o mais cedo possivel.

Como? Só vejo dois meios para isso: a revolução, que é o supremo recurso dos povos roubados e escravizados, e o *accordo*, de que fala o meu illustrado confrade.

Supponhamos que a revolução triumphou, que o governo e a propriedade privada foram abolidos, que não ha mais tribunaes, nem policia, nem exercito. Quaes seriam as consequencias? Os máos, que são em tão grande numero, tornar-se-iam bons, os vicios e maldades que os perturbam e perturbam os outros, transformar-se-iam em virtudes?

Isso seria o ideal. Mas não creio que a sua realização seja tão facil. A reorganização da humanidade pela pratica da virtude não depende de decreto de governo regular ou de proclamação de governo revolucionario.

Se assim fosse, já não estariamos a estas horas falando em anarchia e socialismo como solução aos destinos humanos; a humanidade estaria de ha muito gosando do bem estar a que tem direito a especie em virtude de qualidades que não possuem os outros animaes. Se, como vê o illustre confrade, não é possivel tornar os homens virtuosos por determinação da lei, e sem virtude, como sentimento geral, a felicidade é impossivel, devemos abandonar esse meio de regeneração, por impraticavel.

Encaremos o outro meio, o accordo mutuo, de que fala o confrade. Mas quem, por que meios, levará a cada individuo a convicção de que é necessario esse accordo para a felicidade commum? Devemos pensar antes de tudo na grande massa anonyma, espalhada por todos os cantos do paiz (não falo do mundo). Por que meios chamar á razão esses milhões de individuos, jungidos a toda especie de preconceitos, vehiculos estragados, mas convencidos, de todas as mentiras, de todos os erros com que lhes alimentaram a limitadissima capacidade de pensar?

Se, quanto a esses, o accordo não se me affigura facil, que diremos da parte pensante da humanidade? Os reformadores, os observadores dos phenomenos individuaes e sociaes, vêm tudo, como se sabe, pelos prismas os mais differentes, e propõem soluções oppostas. No dominio dos reformadores, para nos limitarmos ao nosso caso, como conciliar o anarchista individualista com o anarchista communista, de que falou o illustrado confrade, como conciliar o anarchista com o socialista, os socialistas e anarchistas com os positivistas, e no proprio socialismo uns com os outros, atheus e deistas, catholicos e protestantes?

Dirá o confrade que no momento dado, aquelle mesmo momento em que, segundo Rousseau e Hobbes, os homens selvagens resolveram abandonar o estado natural pelo de sociedade policiada, farão o sacrificio das suas convicções, dispensando toda e qualquer forma de governo e as commodidades que lhes dá a propriedade privada. E' possivel, porque o grupo é limitado e composto de homens pensantes, que tanto podem pensar para o bem como para o mal; mas o resto, a grande massa humana, quem a convencerá da necessidade do accordo, que luz lhe illuminará os refolhos vasios e escuros do cerebro para essa estupenda conquista?

A encararmos pois o anarchismo sob essa forma absoluta, o melhor é confessarmos desde logo que estamos brincando com uma chimera. Prometter o que aos olhos de todos ou da grande maioria parece impossivel, é perder duas vezes o tempo, porque nem os que promettem têm fé na sua obra, nem aquelles a quem ella deve beneficiar acreditam na efficacia do promettido.

Lembra o illustrado collega que, tendo a humanidade conquistado a liberdade dos mares, não lhe é impossivel conquistar a liberdade da terra, pelo processo que aponta.

Ha nisso um equivoco. Os mares ainda não são livres para os individuos.

Os navios que cruzam os oceanos estão sujeitos a regulamentos mais ou menos draconianos. Têm de trazer o pavilhão duma nação qualquer como condição para tocar em qualquer porto; estão sujeitos a visitas sanitarias e de policia criminal. Era o maximo que as nações podiam conquistar nesse terreno, porque pretender que a navegação fosse privilegio dum determinado povo, seria pretender o impossivel. Que nação teria podido organizar uma esquadra capaz de monopolizar os mares? Nenhuma. E' verdade que, depois das descobertas maritimas, houve por parte dos povos descobridores essa estulta pretenção, mas não passou duma idéa innoffensiva, tanto que não foi preciso muito esforço para demonstrar a sua inanidade. O livro *De mare liberum* com que Hugo de Grotius destruiu essa pretenção, não precisou de ser secundado e hoje só é citado como curiosidade historica. Os povos descobridores, não podendo conservar o privilegio conseguido pelos phenicios durante algum tempo, até a chegada dos hellenos, occultando a róta, como fez mais tarde Colombo, tiveram essa esdruxula pretenção.

Era tão difficil a elles realizarem tal idéa, como é difficil aos generosos e fortes anarchistas de hoje conquistarem a terra, acabarem com todos os governos exploradores, sem um longo e pertinaz trabalho de doutrinamento.

Devem trabalhar pelo que é possivel actualmente e depois das primeiras conquistas verão o que é possivel conquistar ainda. No terreno das conquistas moraes a segunda etapa é quasi sempre mais facil do que a primeira.

E' preciso antes de tudo combater os governos máos que nos reduzem á situação de miseria em que nos achamos; é forçoso trabalhar pela diminuição gradativa das funcções attribuidas ao poder publico, cuja consequencia será naturalmente o augmento do valor individual; é indispensavel fazer sentir que cada individuo é uma força e que essas forças reunidas formam um poder incontrastavel e irresistivel. João Baptista Say, o economista francez, tantas vezes citado pelos exploradores do povo, já dizia que o Estado é uma ulcera que cumpre reduzir tanto quanto possivel: «L'Etat est une ulcère qu'il faut reduire autant que possible».

E Say não tinha certamente diante dos olhos os governos do Brasil que, depois da proclamação desta republica de carnaval, tocam á raia do inconcebivel.

Como é sabido, os governos municipaes arrecadam impostos, que são invariavelmente gastos como se fossem propriedade dos arrecadadores, em banquetes e festins ou em acquisição de propriedades para goso dos pseudos governantes; os governos estadoaes fazem o mesmo. Alguns até comem os animaes dos jardins zoologicos e as sobrinhas dos officiaes de justiça, mandando estes para a cadeia, porque têm o desaforo de gritar contra a anthropophagia.

O governo da União é o que todos nós sabemos: uma quadrilha que se renova de quatro em quatro annos para pilhar do melhor modo possivel os cofres publicos.

E' necessario, pois, agir contra essa ordem de cousas: agir, isto é, preparar os elementos para a derrocada. Não vejo outro meio senão acordar as energias individuaes, ensinar aos homens que a liberdade só se conquista na barricada, que é o seu ultimo refugio.

Não ha doutrina mais apta do que o anarchismo para essa grande obra, por isso que se trata duma doutrina individualista.

Pouco importa que ella tenha ou pareça ter o seu lado chimerico.

A chimera ficará sendo chimera, mas alguma cousa de util se fará.

Além disso o anarchismo não é ainda uma doutrina perfeitamente systematizada. O meu illustre confrade já concorda que a sociedade anarchista, comquanto não tenha governo, terá uma *direcção*, que afinal não deixará de ser um *governo*.

Por outro lado, o proprio Proudhon chama ao anarchismo *forma de governo*.

Nas suas «Confissões dum revolucionario» diz elle, textualmente: «A ideia economica do capital, a ideia politica do governo ou da autoridade, a ideia theologica da Igreja, são tres ideias identicas e reciprocamente convertiveis: atacar uma é atacar a outra.

O que o capital fez sobre o trabalho e o Estado sobre a liberdade, a Igreja opera-o por sua vez sobre a intelligencia. A democracia é a abolição de todos os poderes, espiritual, temporal, legislativo, executivo, judiciario e proprietario. A verdeira *forma de governo* é a Anarchia.»

Tambem os melhores escriptores anarchistas que conheço: Kropotkine, Jean Grave, Sébastien Faure, Laurent Taillade e outros não julgaram ainda necessaria a systematização da doutrina.

Mas o seu caracter, essencialmente individualista, torna-a capaz de promover a regeneração da humanidade.

E' isto o que penso, caro confrade. Ou a affirmação da individualidade ou a marcha descendente, que nos levará até ao nivelamento com os animaes inferiores.

Sempre amigo.

SILVA MARQUES

O QUE PENSO

Provado como ficou que não ha sociedade sem governo, variando o modo de ser deste conforme as épocas; evidenciado tambem que os governos se formam de accordo com as tendencias do meio, e sendo este, como tudo á saciedade o indica — claramente industrial, no periodo que ahi vem, conclui mui logicamente que aos industriaes caberá inevitavelmente a direcção social, tanto mais facil de ser então exercida, não só pelo grão de desenvolvimento moral e mental do homem como pelas reduzidas dimensões das patrias nesse momento historico.

Essa dupla condição facultará, pois, a maior dose de felicidade ao homem, facilitando-lhe outrosim a que melhor se accentuem as condições de solidariedade peculiares á nossa especie, solidariedade que póde ser encarada quer quanto aos homens da mesma patria, quer quanto aos homens em geral, determinando — a solidariedade directa e a indirecta. Aquella, naturalmente mais intensa porque de mais facil execução, esta, cada vez mais profunda, dado o desenvolvimento crescente dos meios de communicação entre os homens de modo a que a permuta — moral, intellectual e material — se faça prompta e efficazmente.

Não será, pois, possivel jámais tornar a Terra a patria de todos os homens, como pensam os anarchistas, prégando a suppressão das barreirras territoriaes, já porque a fatal e eterna diversidade das linguas sempre existirá, já porque seria um erro de logica conceber a aggremiação mais particular que o homem fórma estavelmente — que é a familia — e a mais ampla e mais complexa — que é a humanidade — sem cogitar de um termo medio destinado á ligação daquelles dois extremos.

Esse termo é a patria; pequena porção continua do planeta, contendo varias familias unidas pelos mesmos costumes, presas pelas mesmas tradições e falando a mesma lingua.

E tanto essa noção é inherente ao homem que os proprios anarchistas a concebem com o nome de communas. Que são estas senão pequenas patrias?

Haverá, pois, como já fiz vêr e não é de mais repetir, um governo central, convergencia dos esforços individuaes, synthese das aspirações dos filhos de cada patria.

Assim como nem todos os homens serão capazes de ser engenheiros, medicos, carpinteiros, mecanicos, etc., havendo portanto individuos mais aptos para esses encargos *fataes* e aos quaes se prestarão respeito e obediencia, tambem nem todos se poderão dirigir, *maxime* tendo-se em conta a diversidade de caracter e de intelligencia dos homens. Seria preciso que estes fossem *anjos* para que podessem viver conjunctamente, sem que os seus interesses collidissem. Se no lar é necessaria a acção paterna para manter o equilibrio da familia, tendo os seus membros, a seu favor, a mesma ascendencia e portanto a mesma herança psychica, como não conceber nas patrias (communas dos anarchistas) uma acção central que coordene e dê equilibrio ás energias de seus componentes? E esse governo se manterá sem o apoio da força armada? Necessariamente. Nessa época os exercitos permanentes terão desapparecido, como pelos mares passearão sòmente as frotas que transportem generos de utilidade, e pelos ares planarão grandes e bellas aves, succedaneo natural da navegação e da viação, levando sob suas azas possantes tudo que faltar ao homem aqui, em troca de tudo quanto acolá possa elle produzir.

Não haverá exercito, mas haverá tribunaes que decidam pendencias que entre os homens se dêm, visto que não é de admittir que os homens, fundamentalmente egoistas, e portanto máos, se convertam em bondades absolutas, em perfeições supremas, nessa época. Naturalmente, dissidios se darão entre elles; querelas se formarão e terão de ser resolvidas, não pelos interessados, suspeitos no caso, mas por quem lhes possa dar conselhos, resolvendo-as. Dir-se-á que taes questões serão impossiveis, porque não existirá o motivo que as determina hoje — a propriedade individual.

Ora, em primeiro logar, se assim fôra, isto é, se tudo fosse de todos e se todos fizessem o que lhes viesse á vontade, é o que o egoismo mais se assanharia; em segundo logar, o homem, por mais evoluido moralmente que esteja, terá sempre paixões, interesses, nobres que sejam, e consequentemente, attrictos com os seus semelhantes, dando como resultado a necessidade de solvel-os. Taes sejam elles e poderão ser solucionados pela intervenção amigavel, o que hoje tambem se dá; cresçam elles porém de relevancia e fatalmente este alvitre não bastará, impondo-se a necessidade da existencia de homens de notavel capacidade moral, a cuja arbitragem recorram os que dissintam entre si, incumbindo-lhes o julgamento do caso.

Objectar-me-hão que esse encargo apaziguador poderá ser exercido por qualquer grupo de homens, formado no momento, não sendo necessaria a sua persistencia. Não colhe semelhante argumento, por isso que elle revela o desconhecimento da natureza humana, que por toda a parte exige a estabilidade. De facto, se houver homens cujo alto criterio e cujo discernimento se firmar pela resolução de taes e taes casos, com elevação com bondade e com o maximo de imparcialidade, claro está, que lhes ficará de vez a missão de julgadores, formando tribunaes de arbitragem, com funcções amplas e decisivas.

Essas funcções, porém, só de raro em raro serão exercidas, porque tambem de raro em raro, questões se apresentarão, demandando a sua intervenção.

Não haverá advogados profissionaes, porque todos exporão os seus casos em linguagem commum, provando o que allegam e fiando na inteireza dos juizes, que d'elles independerão inteiramente.

Como se comprehende, tendo em vista a evolução que tudo modifica, os delictos se reduzirão o mais possivel, sem todavia desapparecerem, aliás de accordo com a relatividade que a tudo preside. Crimes haverá sempre, porque sempre existirão criminosos, do mesmo modo que sempre existirão myopes, presbytas, cegos, coxos, bonitos, feios, louros, escuros, intelligentes, estupidos, etc.; e existindo criminosos, cumprirá tiral-os do convivio dos que o não sejam, afim de evitar que sejam estes perturbados por aquelles.

PEDRO DO COUTTO

P. S. — ANARCHIA sempre significou *falta de governo*. José Oiticica, porém, accrescenta: «...d'esse governo-*trust*, desse governo patrão. Não quer dizer, porém, *falta de direcção*.»

E diz mais o illustre anarchista que o accordo mutuo serve «*para dirigir os serviços* necessarios á vida commum».

E quem DIRIGE não orienta, não imprime o seu modo de ver, não GOVERNA, em uma palavra?

Ora, graças, que os meus artigos — perdoem-me a immodestia — sempre serviram para alguma cousa!

ANARCHIA não quer dizer mais — falta de governo — e sim governo differente do que ahi está.

Bem dizia eu: — os anarchistas estão de accordo commigo.

P. C.

CHRONICA PARLAMENTAR

Lamento que n'este jornal tenha eu um espaço tão diminuto afim de apreciar, como um espectador nas galerias, os factos culminantes do nosso parlamento.

O chronista geralmente precisa de mais espaço. A vida parlamentar é como um grande rio que passa rugindo, arrastando tudo, que dentro delle cáe, para o grande oceano que é o povo.

O chronista nada mais faz que sentar-se á margem, com um lapis e um canhenho a tomar notas.

Lá vem um tronco que tombou com a tempestade, vem vindo, encontra um empecilho, detem-se, mas a correnteza avoluma-se e o tronco lá vae descendo. O chronista, á margem, toma nota. Depois, celére passa uma folha ou flôr qualquer, e elle annota.

Assim é, pois, na Camara.

Passa um discurso colossal, uma exposição de motivos, necessaria é a mais desenvolvida critica, mas, como o espaço é exiguo deixa-se seguir o rumo.

Assim, queria eu traçar algumas linhas a respeito do trabalho do ex-leader do governo Affonso Penna, o illustre deputado Carlos Peixoto Filho, cujo talento e saber muito respeito.

Mas, infelizmente tenho a dizer pouca cousa.

O orçamento financeiro para 1916, ali está bem explicito, a receita tanto e a despeza tanto.

Se, por acaso, seguirem o que ali está explicado dentro em breve a crise em que ora nos debatemos será um mytho.

Eu não digo que é de Minas que ha de vir a salvação da Patria?!

***

Phrases celebres de parlamentares não menos celebres:

«... Sôava as ave-marias, e o cangaceiro de bruços sobre a sella do cavallo, meditava, Mystico de poesia e de sentimento.»

João do Norte

«... Eu não sabia que o Zé entendia tanto de manteiga.»

Tonico Andrada

«... Ora, eu não tenho tempo nem de ler os jornaes.»

Chico Bressane

«... 80 mil réis por dia, são dois contos e quatrocentos mensaes, quarenta hospedes da minha pensão a 200$ cada um, são oito contos e fóra os ovos das gallinhas que deixo no meu quarto...»

Junqueira

«... Dizem que sou o mais feio da Camara. E o Lebon Regis, Eugenio Muller e o meu collega Bressane, onde ficam?»

Augusto de Lima

TROCADILHOS

— Gosto muito do Freire...

— E' um deputado *feliz* e *bello*.

—

— O Augusto de Lima falou sobre a Reforma do Ensino.

— E' Lima que n'ella trina.

INDISCRIÇÕES

Dizem que a pensão Abrantes vae passar a chamar-se Ribeiro Junqueira.

—

— O vendeiro que móra perto do Bressane sabe de cór todos os annaes da Camara.

— Ora essa, pois a mais de quarenta annos que elle os compra á 200 réis por kilo.

— Então, Serapião, ainda não queres ser deputado?

— Não, desde que fui promovido a continuo não mais pensei n'isto. Não se soffre os ataques da imprensa...

DESMENTIDO

Não foi o deputado Senna Figueiredo quem concedeu aquella entrevista o respeito da retirada do sr. Bias Fortes da politica.

Foi o sr. Senna Figueiredo, pharmaceutico em Barbacena.

Está desmentido.

Paulo Vaz

Congresso Anarchista Sul-Americano

Conforme estava annunciado, teve logar na segunda-feira a sessão de abertura do *Congresso anarchista Sul-Americano*, á praça Tiradentes n. 71, sede da *Confederação Operaria Brazileira* e de outras associações operarias.

Seguiram-se mais duas sessões, nos dias 19 e 20, em que se discutiram themas importantes. No nosso proximo numero daremos detalhada noticia de tudo quanto occorreu nesse congresso, durante as suas sessões.

Congressó Internacional da Paz

E reuniu-se, no Rio de Janeiro, o Congresso Internacional da Paz, convocado pela Confederação Operaria Brazileira. Não teve solemnidades pomposas e desnecessarias. Foi uma reunião séria de homens ardentemente animados do desejo de contrapôr á guerra e ás suas consequencias um dique de vontades revolucionarias.

Guerra á guerra !

Este grito póde causar estranheza aos que confundem o «pacifismo» burguez, sentimentalista, incoherente, incunsequente, e a paz que os revolucionarios sociaes reclamam. Estes querem uma paz real, só possivel como effeito de um entendimento directo entre as classes productoras de todos os paizes. Ora, um tal entendimento tem que ser realizado contra a vontade das classes dirigentes da sociedade—revolucionariamente, portanto. E' a guerra dos trabalhadores contra os patrões, dos pobres contra os monopolizadores das riquezas, dos libertarios contra o Estado.

Deste ponto de vista, eminentemente pratico e realista, partiram os debates e as conclusões do Congresso que acaba de reunir se.

Como se verá pelo resumo, que adeante damos das suas sessões, em duas partes se dividiram os trabalhos da importante conferencia : os de ordem moral, com as declarações de principios a respeito dos conceitos guerreiros, nacionalistas, patrioticos, militaristas, estataes, e os de ordem propriamente pratica, os passiveis de immediata realização.

Póde concretizar-se uma impressão geral do Congresso nesta phrase: foi um facto acima da espectativa.

Com effeito, ninguem contava com representações numerosas do ixterior, e isto devido ás terriveis circunstancias do momento. Pois, apezar de tudo, apezar de todos os maus augurios, o Congresso se reuniu, e o enthusiasmo e a confiança demonstrados pelos que nelle tomaram parte valem por uma af firmação eloquente de que o pendão do internacionalismo continua sendo empunhado pelo proletariado revolucionario e de que os militantes anarchistas não só confiam na efficacia da sua acção como se acham promptos a isso, promptos a desenvolver toda a sua actividade de rebelados contra o tremendo flagello da guerra.

Uma grande campanha internacional se vai iniciar contra o inaudito crime da burguezia. Uma commissão para tal fim se estabelecerá no Rio e daqui se estenderá por toda a America e os paizes neutros da Europa o plano geral da formidavel campanha.

Riam-se embora os scepticos e os desfibrados... Os homens que são homens e que não abdicam da sua individualidade gritar-lhes-ão á cara de passivos mulambos da vida :—Recolhei o *riso !...*

E o riso se desfará e transformará num esgare de sorpreza e de terror...

Guerra á guerra !

1ª SESSÃO

Depois de aberta a sessão por Antonio Vieites, membro da commissão organizadora do Congresso, e da leitura do relatorio apresentado pela referida commissão, foram nomeados, respectivamente, para presidente, secretario do expediente e secretario de actas, Orlando Lopes, Astrogildo Pereira e Santos Barboza, estes dois ultimos até a terminação do Congresso.

Foi então procedida a leitura das seguintes

CREDENCIAES

União Geral da Construcção Civil, Rio—Delegados : Abilio Lobo e Antonio Marinheiro ; Grupo Anarchista Renovação, Santos—Manoel Campos ; Federação Operaria de Pelotas—Antonio M. Corrêa e Santos Barboza ; Syndicato de officios Varios, Rio—Antonio Vieites ; Syndicato dos Sapateiros, Rio—José Caiazo ; Grupo de Propaganda Anarchista, Nictheroy — Arlindo Drumond e André Ribeiro ; Centro dos Chauffeurs, Rio—Antonio da Costa Moreira ; Centro de Estudos Sociaes, Rio—Orlando Corrêa Lopes ; União do Livre Pensamento, Rio—Leal Junior ; Syndicato dos Operarios das Pedreiras, Rio—Joaquim de Oliveira e José Ferraira Ribeiro ; *Na Barricada.* J. Gonçalves da Silva ; Syndicato dos Canteiros das Pedreiras de Ribeirão Preto, S. Paulo—Moreira Busto ; Syndicato dos Operarios Panificadores, Rio—Antonio de Souza e Constantino Machado ; União dos Operarios Tamanqueiros, Rio—Antonio Gaspar e Alvaro Cordeiro ; Associação Irmãos Artistas de Juiz de Fóra—Valentim de Britto ; Centro Feminino Jovens Idealistas, S. Paulo—Maria Antonia Soares ; Liga Federal dos Empregados em Padaria, Rio—Antonio de Oliveira e Fernandes Carvalhaes ; Centro Feminino de Estudos Sociaes, Pelotas—Eliza de Oliveira ; Centro dos Operarios Marmoristas, Rio—Manoel Moreira e Francisco Moraes ; Associação Universidade Popular de Cultura Racionalista, S. Paulo—Florentino de Carvalho ; União dos Empregados Barbeiros e Cabellereiros—Antonio L. de Almeida, Lourenço Bento e Antonio Sanches ; União Anarchista Communista da Região do Sul, Portugal—M. Campos ; Federacion Obrera Reginal Argentina del IX Congresso—Bautista V. Mansilla ; Federação de Rezistencia das Classes D. de Pernambuco — Antonio de Oliveira ; Federação Operaria de Alagoas—Luiz A. de França ; Federacion Obrera Regional Argentino del V Congresso, *La Protesta, La Rebelion*, Federacion Obreira Local Bonaerense, Ateneu Racionalista de Vila Crespo, Comité Pró-Presos e Deportados, Liga da Educacion Racionali ta—Apolinaro Barrera ; Grupo Iconoclasta, Pelotas—Pedro Bischoff e S. Barboza.

O Centro Operario de Jahú, S. Paulo, por telegramma, nomeou seu delegado junto ao Congresso, Astrojildo Pereira.

Varias adhesões pessoaes, do interior, por cartas e telegrammas, recebeu o Congresso.

A ORDEM DO DIA

Meios mais efficazes para fazer terminar a guerra europêa. —Propoz Barrera que os delegados apresentassem proposições sobre o thema a discutir, no caso da commissão organizadora o não ter feito, o que foi acceito, propondo Mansilla, logo a seguir, que fosse nomeada uma commissão para organizar a ordem dos themas, sendo indicados e acceitos Leal Junior, F. de Carvalho e M. Campos.

Barrera quer saber se existem meios precizos para imposição solida a guerra actual. E' de parecer que o boicote, por exemplo, sendo parcial, isto é applicado aos productos, etc. dos alliados, não surtirá o effeito desejado... ; que se procurasse, pois, uma acção mais pratica.

Mansilla, num bello discurso, falla da reorganização da Associação Internacional dos Trabalhadores, realizada numa sessão clandestina do Congresso de Ferrol ; da press o que poderá fazer o operariado da America do Sul, unido ao operariado europeu, e neste continente for creada uma secção da mencionada asssocição. Que seja, pois fundada a Confederação Operaria Sul Americana, cuja iniciativa poderá surgir dum congresso Operario Continental.

Tem consciencia de que a conflagração européa se deve em parte ao descuido do proletariado, particularmente o dos paizes em guerra, mais capaz de seguir para a guerra, do que fazer valer os seus direitos e evitar o flagello.

F. de Carvalho é de opinião que o Congresso da Paz, apenas influirá no animo dos povos neutros. Combate vigorosamente a ácção dos sacerdocios, das igrejas, que, ao contrario dos anarchistas, que lutam pela estabilidade da paz, procuram antes tirar todos os proveitos possiveis da actual contenda, em seu beneficio exclusivo, contribuindo dest'arte para a conservação do grande crime.

Apresenta ao Congresso uma moção prenhe de brilhantes considerações libertarias, e que termina com os seguintes themas, que, após varios debates, foram addiados para a 2ª sessão :

1.—Aconselhar (o Congresso) ás sociedades operarias, centros socialistas e os anarchistas a realizarem uma activa propaganda em favor da gréve geral universal, em signal de protesto contra a guerra.

2.—Reconhecer como uma necessidade de salvação publica e indispensavel para o restabelecimento da paz, o boicot e o sabotage, a todas as empresas ou patrões que contribuam para sustentar a guerra.

3.—Promover manifestações em todos os centros populares, especialmente contra as chancellarias dos Estados em guerra.

4.—Dirigir um appello aos representantes dos partidos socialistas e das sociedades operarias nos parlamentos ou municipalidades de todas as nações, no sentido de se solidarizarem com o protesto contra a guerra, abandonando os seus postos e venham realizar entre o povo a propaganda em favor da paz, em favor da revolução social.

5.—Declarar que são contrarias ás liberdades dos povos, ao bem estar da humanidade e do progresso, todos os principios estataes, todas as igrejas, inclusive a catholica, a maçonica e a positivista.

6—Que o principio das raças, das patrias e das nacionalidades servem de alicerce ao regimen do capitalismo e aos privilegios dos senhores da riqueza e do poder.

7.—Que entre os povos deve vibrar com toda a intensidade a solidariedade universal.

8—Que as diversas philosophias, doutrinas e escolas metaphisicas, bem como as positivas ou materialistas que defendem ou toleram o regimen da desigualdade e da guerra, das instituições e absurdos principios que lhe dão vida, constituem vicios que produzem aberracões na mentalidade dos povos, e, portanto, devem ser banidos do seio da humanidade, a bem da saude das gerações presentes e futuras.»

O 4º thema mereceu varios debates, tendo contra elle votados diversas delegações.

Ficou evidenciado o quanto é impossivel a propaganda nas trincheiras, bem como conseguir-se dos trabalhadores em armamentos bellicos dos Estados Unidos, ou de outro qualquer paiz a recusa de executarem tal serviço.

Valentim de Brito préga a revolução contra a guerra.

Outras discussões são estabelecidas, reinando, porém, entre os congressistas a maior cordialidode, o maior enthusiasmo, o mais resoluto interesse em fazerem boa obra de luta contra a obra da burguezia sanguinaria do velho e do novo mundo.

A sessão, que foi aberta ás 20 horas, terminou á meia noite.

2ª SESSÃO

Lida e approvada a acta da sessão anterior, lido o expediente e feita a chamada, Orlando Lopes solicitou da assembléa a nomeação de outro presidente, sendo nomeado Leal Junior.

Foi appravada a moção Florentino e respectivos themas, depois de lidos e submettidos a discussão um por um, depois concisamente debatidos, tendo o 5º merecido uma ligeira ampliação: a palavra povos substituidas pela de povo.

Muitos congressistas dirigem a mesa uma bem elaborada moção sobre a organização da secção sul-americana da Internacional e outra de Mansilla e Vieites relativa ao Congresso da Paz, que a Federação do Trabalho Norte-Americana projecta levar a effeito no paiz em que se reuna a diplomacia para tratar da paz.

Primeiramente, porém, é posto em discussão o 1º thema dos apresentados pela respectiva commissão : *Organização e orientação das classes proletarias.* A moção sobre a *Internacional* é acceita como conclusão deste thema.

Discutido o ponto primeiro da moção, o Congresso deliberou que o Comité de Relações Internacionaes funccione nesta capital.

Estabelecem-se debates.

A moção Florentino e tambem considerada e acceita como conclusão do 2º thema : *Nacionalismo e militarismo.*

O delegado Barrera crê necessaria uma declaração do Congresso a respeito, propondo-se o delegado, Astrogildo apresentar uma moção na sessão seguinte.

E' approvada uma moção do mesmo sobre o thema :

Independencia do professorado e necessidade do ensino racionalista.

E foi encerrada a sessão, ficando egualmente para o dia seguinte a moção Vieites-Mansilla.

Eis a moção sobre a Internacional :

Considerando :

Que a melhor fórma de materializar os sentimentos, idéas e propositos de solidariedade internacional que inspirá a acção constante do proletariado que se organiza em todos os paizes para desenvolver uma acção simultanea de defeza e conquista e das trocas reciprocas de relações e uniformidade de methodos que destrúa o espirito corporativo e localista;

Que isto traz por consequencia um melhor entendimento da força proletaria e por tanto uma maior possibilidade de destruir os planos reaccionarios da burguezia e do Estado ; favorecendo o desenvolvimento progressivo do movimento de emancipação organica e politica dos trabalhadores e impossibilitando as luctas provocadas pelos interesses do capitalismo ; o Congresso de Paz convocado pela Confederação Operaria Brazileira de accordo com as resoluções do Congresso effectuado em Ferról, tendente a reorganizar a Internacional com uma ampla declaração de principios e interpretando o desejo dos trabalhadores da America do Sul e resolvido nos Congressos da Federação Operaria Regional Argentina, 2º Congresso da Confederação Operaria Brazileira e bem assim pelas organizações do Uruguay e Chile.

Resolve :

1º — Crear um Comité de relações internacionaes, com séde no Rio.

2º — Que este Comité recolha dados e informações sobre o estado actual das organizações dos paizes Sul Americanos e os remetta aos syndicatos existentes convidando-os a resolver em congressos (locaes) regionaes a conveniencia de realizar o mais breve possivel um Congresso Internacional Sul Americano, para constituir a Confederação dos trabalhadores d'este continente, afim de accelerar a organização da Internacional de todos os paizes do mundo.

3º — Que o Comité se encarregue de formular o projecto de um pacto de solidariedade sobre o qual se baseará o funccionamento da futura Confederação.

Bantista V. Mansilla,
por la Federacion Obrera Regional Argentina.

Pelo Syndicato de Officios Varios:
Antonio F. Vieytes
Leal Junior
Manoel Ferreira Moreira
Santos Barboza
Antonio Costa
José Ferreira Ribeiro
Joaquim Lourenço de Oliveira
Fernando Carvalhaes
Constantino Machado
Antonio Sanchez
Valentim J. de Brito
Manoel G. Oliveira
Alvaro Cerdeira
José Caiazzo
Mario Nelson Belem
Arlindo Drumond.

Eram 20 horas quando foi dada por aberta a sessão.

Lida e aprovada a acta, após a leitura do expediente, e a nomeação do delegado M. Campos para encaminhar os trabalhos, entrou em discussão a moção Mansilla-Vieites, deliberando o congresso, depois de longos debates, dal-a como reprovada.

A moção propunha que as associações operarias revolucionarias tomassem parte no projecto Congresso da Paz e que até á realização do mesmo não fossem effectuados quaesquer congressos identicos.

Foram aprovadas duas moções de Astrogildo: a referente ao serviço militar obrigatorio e outra sobre a nova Internacional.

Foi tambem approvada, depois de discutida, outra moção de Orlando e Astrogildo, combatendo a intervenção extrangeira no Mexico, isto em virtude do officio dirigido á C. O. B., pela Confederação de Syndicatos Operarios Mexicanos.

Orlando Lopes produziu uma breve allocução sobre a revolução social no Mexico.

Ficou deliberado que o Comité de Relações Internacionaes seja composto por 5 membros nomeados pela C. O. B. e um de cada federação operaria deste continente.

Para o primeiro domingo de fevereiro de 1915 convocou o congresso um grande comicio internacional contra a guerra.

E com enthusiasticos vivas á Internacional dos Trabalhadores, seguidos da primeira estrophe e estribilho d'*A Internacional*, terminou ás 23 horas a grandiosa assembléa revolucionaria.

Ao congresso adheriram mais : *Avante !* jornal socialista de S. Paulo ; Centro Socialista Internacional, da mesma cidade ; Allgemcine Arbeiter Verein, idem, que, já no final, enviou ao congresso uma vibrante saudação. *A Lanterna*, jornal anticlerical, idem ; União dos Tecelões Mechanicos do Porto, Portugal, Atheneu Syndicalista de Ronda, Hespanha, e tambem á ultima hora, a Federação Operaria do Rio G. do Sul, nomeando delegados S. Barboza, Antonio M. Corrêa e João Luenroth.

O COMICIO

Convocado pelo congresso, effectuou-se no largo de S. Francisco, um *meeting* de protesto á guerra, no qual, além de José Elias da Silva, representante do C. O. B., fallaram os delegados de Portugal e Argentina.

F. de Carvalho leu uma energica moção, delirantemente approvada pela multidão que não cessava de aplaudir os oradores.

Era já noite quando enorme massa popular, ao som da Internacional, se dirigiu á séde da Federação Operaria, onde ainda se fizeram ouvir outros discursos, dentre elles o de um ex-militar, hoje rebellado contra a instituição da morte.

Palmas estrepitosas, vivas communicativos, muito enthusiasmo, e estava terminada a manifestação.

Durante as sessões do congresso, a séde da F. O. R. J. conservou se repleta de assistentes, que não resgateavam applausos aos congressistas que discursavam.

MOÇÃO DE PROTESTO CONTRA A GUERRA

Considerando que a guerra é o maior crime de lesa-humanidade, mormente nos ultimos seculos, durante os quaes o progresso da agricultura, da industria e das sciencias naturaes multiplicou a riqueza, possuindo cada povo elementos sufficientes para a satisfação das suas necessidades ;

que a guerra obedece ás ambições dos capitalistas e dos politiqueiros que procuram açambarcar a maior somma de riquezas e de poderes discricionarios, estendendo os seus dominios e monopolisando todas as fontes de vitalidade humana, ambições que constituem uma infamia sem nome ;

que, para realizar esta iniquidade, emprega-se um processo monstruoso, a matança o aniquilamento da melhor das especies e dos typos mais aptos desta especie, verificando-se uma selecção á inversa ;

que os elementos provocadores dos conflictos entre os povos concretizam-se nos barbaros e injustos principios basicos das instituições religiosas, militares ou civis, burocraticas ou democraticas, entre as quaes se destacam o capitalismo, o militarismo, o funccionalismo e o clericalismo, inclusive a imprensa, esse novo Estado, cuja funcção consiste em destruir nos seres humanos todos os sentimentos de dignidade e de fraternidade universal ;

que o regimen qu supportamos encontra-se fóra das leis naturaes, realisando uma obra de destruição de todas as vevificantes energias do povo, sem solução de continuidade ;

que o progresso natural e racional só é possivel pelo trabalho, pela egualdade de condições e pelas harmoniosas relações de uma nova sociedade baseada nos principios libertarios ;

que a ausencia de revolta contra a burguezia e os seus elementos de exploração e de guerra equivale a uma affirmação de solidariedade com as classes burocraticas e delinquentes ;

que a falta de ideaes de liberdade e de justiça mantem as classes proletarias e laboriosas sob a canga da escravidão passiva, voluntaria e aviltante ;

que a emancipação da humanidade só é possivel pela educação das classes proletarias nos ideaes de reivindicação social e por uma rebellião permanente contra a tyrania e a exploração ;

O povo, reunido em comicio publico internacional, resolve :

1º protestar contra a guerra, contra a militarização da infancia e da juventude.

2º realizar uma campanha tendente a fazer desapparecer da mente e do coração do proletariado os prejuizos hierarchicos, religiosos e nacionalistas ;

3º promover uma revolta permanente até a destruição dos ultimos vestigios das vigentes instituições ;

4º declarar que as suas aspirações se concretizam nos mais elevados ideaes tendentes á consecução de uma revolução de caracter social, afim de que se inicie, com a brevidade possivel, um verdadeiro estadio de progresso, de liberdade e de civilização universal.

Abaixo a guerra !

Viva a solidariedade dos trabalhadores de todo o mundo !

Viva a revolução social !

A collecção dos 10 primeiros numeros de "Na Barricada", nesta redacção ou pelo correio, a 2.000 reis.

PROLETARIADO MILITANTE

A questão dos chauffeurs

A gréve dos motorneiros

Agitam-se novamente os conductores de vehiculos desta capital, que está na imminencia de uma gréve geral desta classe.

Occorreu o que fôra previsto, quando terminou a greve ultima dos *chauffeurs* com a modificação do monstruoso regulamento da policia.

Passado o perigo, eis que a policia restabelece os artigos que supprimira e volta a exercer a mais injusta das perseguições á classe dos conductores de vehiculos,

Sempre fomos de opinião que os *chauffeurs* erraram quando se separaram por motivos que não queremos examinar, dos padeiros em greve, para resolver o seu caso independentemente daquella classe.

Tivesse havido um pouco mais de harmonia entre os grevistas e o governo teria cedido ás justas reclamações dos *chauffeurs*, como os proprietarios de padarias aos reclamos dos seus empregados.

Mas, é assim mesmo que se dão as agitações entre os operarios. O movimento em quanto é desordenado e não o preside um sentimento forte de solidariedade, fracassa, ainda que nunca os esforços despendidos sejam perdidos.

Ja agora é toda a classe de conductores de vehiculos que se movimenta contra a tyrania da policia, que será obrigada a recuar dos seus seus despoticos propositos.

A questão dos *chauffeurs* foi claramente exposta nas columnas de «Na Barricada» pelo nosso collaborador M. Coelho, que em uma serie de brilhantes artigos pôz a nú todas as infamias da policia contra os seus companheiros de classe. E as suas previsões se vão realizar mais cedo do que se poderia pensar.

A policia trata os conductores de vehiculos desta cidade como verdadeiros malfeitores, submettendo-os a um regulamento de excepção.

Para que o publico possa julgar da justiça que assiste aos conductores de vehiculos desta cidade, basta citar a seguinte disposição que a policia acaba do por em pratica :

«Ainda nos casos em que o conductor de vehiculo exhiba certidão provando estar afiançado, deve ser cassada a carteira de identidade e enviada immediatamente ao Gabinete de Identificação e Estatistica, não lhe sendo licito exercer a profissão senão depois de definitivamente julgado o processo a que responder, e, por isso, lhe fôr restituida a carteira de identificação».

O medico, o advogado, o engenheiro, o pharmaceutico, e qualquer profissional, processado, por impericia na profissão, continua a exercel-a ; o conductor de vehiculo, porém, segundo a disposição acima, muito embora seja absolvido no processo a que responder, terá soffrido a pena de perda do titulo de habilitação, que obtéve mediante um exame e, por consequencia, terá sido privado de trabalhar.

Estupendo esse regulamento !

E o interessante é o tom arrogante da policia, quando ameaça os conductores de vehiculos com a affirmativa de que está perfeitamente apparelhada para reprimir qualquer excesso que, porventura, em caso de gréve, possam praticar os grevistas !

De modo que a policia viola todas as leis, viola os mais elementares preceitos de justiça, arvora-se no direito de previamente condemnar um individuo sujeito a um processo em que se vae decidir da sua culpabilidade, e ameaça a quem reclama contra essa monstruosidade com a repressão violenta de qualquer excesso que possam os grevistas praticar !

Imbecis !

Hontem, os enganados foram os *chauffeurs* e os carroceiros, hoje a estas duas classes se reunem os demais conductores de vehiculos. E, se hontem a policia foi obrigada a ceder, hoje que o movimento tende a se generalizar e a experiencia já demonstrou o que vale a palavra do governo, é claro que as ameaças da policia só podem causar riso.

As miserias da Estrada de Ferro Central

Parece inacreditavel o que se passa na Estrada de Ferro Central do Brazil.

O sr. Arrojado Lisbôa, apaniguado de reles politiqueiros mineiros, tem praticado ali as maiores violencias e bandalheiras de que é capaz um individuo incompetente e deshonesto.

Tendo entregue a direcção da Estrada a um grupo de malandrins, sanciona todas as asneiras e violencias praticadas pelos seus prepostos, e quando as victimas recorrem para o ministro, este tranca os papeis e deixa o tempo correr.

Nem outra cousa era de esperar dum ministro do estofo moral do conhecido Tavares de Lyra :

O sr. Arrojado Lisbôa, antigo traficante da Inspecção da Secca, cuja obra no Ceará, a despeito dos milbares de contos que ali gastou com açudes imprestaveis, foi tão bôa que os pobres cearenses estão peor do que estavam, demitte injustamente pobres funccionarios com longos annos de serviço, accusando-os de crime imaginario e estes não encontram a menor protecção da parte do seu superior hierarchico !

Pelo mesmo crime imaginario, suspende funccionarios que não pode demittir e pede ao ministro que os demitta.

Terminado o tempo da suspensão, os funccionarios se apresentam e elle não os admitte ao trabalho !!

O ministro não ata nem desata e os pobres perseguidos sem pão para darem á familia, não terão afinal outro recurso senão appellar para a violencia, porque esta, em ultima analyse, é o ultimo meio de desaggravo para os que não encontram justiça.

Emquanto soffrem os perseguidos, o ministro trafica, o sr. Arrojado trafica, dando á casa Fonseca, Machado & Cª, de que é socio, grandes fornecimentos de carvão, sem concorrencia, porque Fonseca, Machado & Cª. commerciona com instrumentos de engenharia !

Que director, que ministro, que canalhas !

E não ha um movimento de dignidade por parte desse immenso pessoal da Central !!!

S. U. dos O. Estivadores

Trabalhadores, despertai ! Companheiros, eu penso que já chegou ao vosso conhecimento que existe nesta capital um jornal operario cujo nome é «Na Barricada» e que se destina a tratar dos interesses dos trabalhadores.

Porque nós, tendo um jornal para tratar do que nos diz respeito, o abandonamos? Devemos contribuir com o nosso esforço intellectual e material para a existencia do mesmo. Quando quizermos fazer valer os nossos direitos, o que necessitaremos fazer em primeiro logar ? A propaganda por meio de um jornal em nosso meio, até que, convictos e unidos, possamos exigir da burguezia a satisfação dos nossos direitos conspurcados. Devemos despertar desta lethargia em que nos mantemos, porque sobre nós está o olbar prescrutador da aguia burgueza, que nos espreita para, na melhor occasião, lançar o seu bote, conduzindo-nos ao estado primitivo de verdadeira escravidão. E sendo assim, não devemos dormir, se queremos que se realize o que disse o grande Carlos Marx «a emancipação do trabalhador há de ser obra do proprio trabalhador»; e como, de accordo com a evolução social, surgem a cada momento obstaculos que é preciso vencer, urge despertar e desde já cogitar da conquista dos nossos direitos. Lembro aos companheiros que têm conhecimento do movimento operario que sobre nós peza mais responsabilidade do que sobre aquelles que, por haverem sido os seus antepassados espoliados nos seus direitos, não conseguiram, infelizmente, conhecer o motivo porque chamam a nós os trabalhadores de «Plébe». (Continúa).

R. de CASTRO

Sociedade de Resistencia dos Trabalhadores em Trapiches e Café

Companheiros:

Confiado na benevolencia que caracteriza a illustrada direcção do intemerato jornal «Na Barricada», venho por suas columnas dirigir-vos a palavra numa série de artigos (se artigos se podem chamar), que pretendo publicar, dando lhes inicio pelo que se segue.

Os povos que não se agitam não progridem, dizia Castelar. Tal pensamento attinge-nos a nós outros de perto, pois se alguma vez lutamos e obtemos algumas melhoras, estacionamos nos louros dessa victoria, como se já tivessemos alcançado a nossa completa emancipação, numa indifferença e inacção criminosas, parecendo-nos perfeitamente com os anjos das lendas, os quaes, depois de fazer a sua trajectoria pela terra, vivem na côrte celestial, adorando o Padre Eterno, alimentando-se todos dos fructos dos seus delirios e ociosidades. Tal tem sido infelizmente a nossa attitude de tempos a esta parte, abandonando a luta pela existencia e ainda mais a luta de classes a que a burguezia lançou as classes productoras de todo o mundo. Como sabeis perfeitamente, onde não ha luta não existe vida, pois é esta uma consequencia daquella. Se quizermos observar os movimentos dos planetas que habitam o nosso systema, havemos de verificar que vivem da mesma luta que o nosso, e dessa luta lhes veem a harmonia que observam. Por um segundo que cesse a luta num dos corpos celestes, este desapparece na immensidade do infinito. Se a luta que observamos é scientifica, philosophica, artistica ou fraternal, isto pouco importa. O que é facto è que a luta nos rodea.

Quanto ao nosso mundo, além da luta pela existencia, desencadeia-se neste momento a luta de classes mais desenfreada. O animal mais perfeito, o homem, com a sua miseravel civilização, distanciou-se desmesuradamente dos seus ascendentes, desde o mais infimo insecto aos nossos animaes domesticos, dividindo a humanidade em duas classes bem distinctas: uma de reis, presidentes, ministros, deputados, magistrados, militares, frades, commerciantes e industriaes, com os seus respectivos intermediarios, os quaes, sem nada absolutamente produzirem, se chamam no entanto os donos e senhores de toda a riqueza social, das aguas, das terras, dos instrumentos de trabalho, das artes, das sciencias, das industrias, do commercio e até da vida daquelles que produziram e produzem toda a nossa riqueza social; a outra classe é formada pela falange de trabalhadores mundiaes que, produzindo tudo com o suor do seu rosto e do seu esforço muscular, sempre vilipendiados e amesquinhados em seus direitos, nada lhes sendo permittido—a não ser morrer de fome ou agarrado a uma culatra de canhão, massacrando trabalhadores como elles, de quem nenhum mal receberam em nenhuma epoca da historia.

Tal é a luta de classes e castas estabelecida no seio da humanidade. Aos que lutam com valor e energia sorrilhes a vida e delles será o futuro, deixando aos seus descendentes, em logar de tyrannia e oppressão, liberdade, fraternidade e justiça. Numa palavra : lutar é viver.

Companheiros, é necessario definir-se a situação : ou somos privilegiados e parasitas ou então somos opprimidos e lutamos para nos libertar. De duas uma: burguezes a um lado, proletarios a outro. Sois trabalhadores ? Não tendes mais meios de vida que aquelles que vos for-

nece a força muscular? Se respondeis affirmativamente, fazeis parte integrante das classes dos desprotegidos e sois cellulas do grande organismo operario mundial, e como taes sois chamados a lutar, a aceitar a luta a que a burguezia vos lança, ou a morrer. Tal é o dilemma em que nos collocou a nossa situação de opprimidos. A victoria será dos fortes e destes dependerá o futuro dos nossos filhos, pois o maior legado que lhes podemos deixar quando desappareçamos do scenario da vida são a liberdade, a fraternidade e a justiça. Os fracos e indecisos succumbirão por causa da sua criminosa indifferença.

Para tal luta é necessario que os trabalhadores se associem em sociedades de classe, como a nossa e outras muitas que já existem, pois das sociedades de resistencia depende o futuro dos povos. Se nós temos horario, salarios e preços de trabalho estipulados e se nos fazemos respeitar, é porque soubemos lutar. As nossas gréves, as nossas victorias, e a imperiosa necessidade da fundação da Federação das sociedades maritimas constituirão a materia do artigo seguinte.

JOSE' A. DE CASTRO

RECONSTRUINDO

Chegando ao meu conhecimento um facto sobre modo inedito nas classes de que se compõe a União Geral da Construcção Civil, que muito depõe contra o pacto de solidariedade que deveria unir todo proletariado e principalmente essas mesmas classes, lembrei-me de fazer um pequeno estudo sobre as causas que o determinaram.

O caso é este:

O senhor Vieira Lima, constructor com officina na Rua Nova n. 5 (Aldeia Campista) contra todas as praxes exploratívas, até agora adoptadas, exige que os pintores a quem dá trabalho levem toda a ferramenta precisa para o serviço, isto é, brochas, pinceis, escada, etc. etc., pagando-lhes a vantajosissimo salario de 4$000 diarios; o horario é das 5 1|2 da manhã ás 6 1|2 da tarde. Convem accentuar que o operario por esse senhor mantido como encarregado do serviço, não só o ajuda nessa exploração como é mesmo o que o insinúa para assim proceder.

E sabido que na greve geral declarada em 1903 e que deu origem á fundação da União dos Estivadores, algumas classes tiveram um pouco melhoradas as suas por demais precarias condições; dentre estas desde logo se destacaram, pela violencia dos methodos adoptados na luta, os pintores e estivadores. Aquelles tiveram melhorado o horario de serviço, e estes o horario e augmento de salario.

Todas as outras classes que se mantiveram numa tal ou qual inercia, tiveram o desprazer de ver perdurar para ellas o mesmo estado de coisas anterior.

Posteriormente os pintores deixaram se adormecer sobre os louros da pequenissima victoria obtida, e passaram a sonhar com o passado, descurando por completo o presente e o futuro.

Os senhores constructores, sempre a cata de um momento opportuno para voltar ao anterior estado de coisas, não se fizeram de rogados e aproveitando-se da criminosa inercia dos principaes interessados, não só voltaram ao anterior estado de coisas, como foram mesmo muito mais longe, ultrapassando o antigo regimen, adoptando horarios que representam a mais ignobil exploração, pagando infimos salarios, sob a alegação de que a crise não lhe permitte pagar outros mais elevados, declarando assim inplicitamente que elles não se podem privar da minima parcella de conforto; e entendendo que o operariado não tem o mesmo direito a vida, que elles teimam em manter o principio de que é sempre possivel reduzir o salario áquelles que nem mesmo conseguem o necessario para a sua alimentação, ao mesmo tempo que se arrogam o direito de augmentar os já de si gordos proventos que antes auferiam, producto da mais desenfreada exploração exercida contra nós, miseros parias da sociedadea ctual, segundo o seu modo de ver.

Eis o resultado advindo as classes da Construcção Civil devido a sua inercia.

A par disto vemos os estivadores sempre fortes e cohesos, não se arredando uma linha da sua norma de conducta, e conservando, por isto mesmo, intactas todas as melhorias antes conquistadas.

Egualmente vemos os trabalhadores de Trapiches e Café que, pela violencia com que emprehenderam a luta em prol das suas aspirações, algo conseguiram nesse sentido; e pela sua intransigencia (apezar dos esforços empregados por algozes no sentido de tornar de nenhum effeito as conquistas por elles effectuadas) tem-n'as sabido conservar intactas.

Fica assim patente o erro em que tem incidido a maioria do operariado.

As greves pacificas são de resultados duvidosos senão contraprocedentes; ellas devem ser revolucionarias, extremamente violentas e continuas, de forma a evitar toda e qualquer reacção por parte dos interessados, devendo nós estar sempre de sobre aviso para anullar qualquer tentativa nesse sentido.

Rio, Outubro de 1915.

ABILIO LOBO

Rua Angelina, 116. — Piedade.

A Voz do Padeiro

Boletim semanal do Grupo Emancipação dos Padeiros.

Liga Federal dos E. em Padaria

EXPEDIENTE:

Deu entrada na secretaria um requerimento do associado Albano de Miranda Pinto, que será apresentado na proxima assemblea e é assim concebido:

«Albano de Miranda Pinto, matricula 187, requer que lhe seja dada demissão de socio, pelos motivos que passa a expôr: E' gerente e interessado n'um estabelecimento de padaria, á rua Goyaz 150. Nestas condições, despeço-me dos camaradas, continuando no entanto a manter as minhas ideias de camaradagem.

ALBANO DE MIRANDA PINTO

Encantado, 13-10-1915.

Convidam-se as commissões executives para se reunirem amanhã ás 7 horas da noite, afim de serem passados os respectivos carges.

— Pede-se aos companheiros em atrazo de suas mensalidades a quitarem-se, afim de se regularizar a cobrança.

— Do associado Durval M. Bandeira, morador á rua D. Anna Nery 222, recebeu a Liga a carta que publicamos a seguir, por julgal-a interessante:

Rio, 16-10-1915

Senhor presidente; saudações.

Rogo-lhe a fineza de eliminar-me de socio visto os cobradores exigirem que eu o communique por escripto, o que ora faço, para não haver mais confusão. Prontifico-me a ser socio a qualquer hora, de minha livre e espontanea vontade, porém, actualmente acho-me muito sacrificado da vida, porque estive trez mezes desempregado e ainda fui victima de um socio e amigo, portanto que não seja essa a base. Previno-lhe que não seja considerado socio até segunda ordem.

Sempre ás ordens.

Seu-Crdo. Mto. Obrdo.
DURVAL M. BANDEIRA

— No proximo numero deste jornal responderemos ao consocio Bandeira e na proxima assembléa será discutida a sua carta.

Syndicato dos Operarios Panificadores

EXPEDIENTE:

Na assembléa realizada na quarta-feira passada tratou-se, entre outros assumptos, da questão de pão quente nos bairros de Villa Isabel e Andarahy, sendo bastante concorrida a dita assembléa.

— Todas as quartas-feiras este syndicato se reune em assembléa geral, por isso aviza-se a todos os companheiros que não faltem.

O discurso do sr. Bilac

No seu já famoso discurso pronunciado em São Paulo, perante uma assembléa de academicos de direito, o sr. Olavo Bilac, que depois de velho se está tornando ermitão, estabeleceu a mais estranha theoria de quantas theorias estranhas se podem imaginar.

Entende o poeta do «Caçador de Esmeraldas», das alturas do seu lyrismo outomniço, que o unico remedio salvador para este povo indolente e embrutecido está na... caserna.

Nada menos. Contra a crise de caracter nacional, esta panacéa — o pau furado!

Eu acredito na sinceridade do sr. Bilac. A sua critica do momento psychologico é verdadeira, embora vasada numa fórma demasiado literaria, poetica, apostrophica, — o que não é de molde a convencer quem se não deixa levar por simples palavrorios, os mais rebrilhantes e sonorosos palavrorios que sejam. E o seu gesto é o gesto de um desesperado, de um impotente, de um incapaz de attitudes renovadoras e vivificantes.

E' um gesto de cobarde. Reconhecendo a podridão ambiente, que tudo invade, que tudo corroe, que tudo empesta, o orador apella para o culto do sabre, acobardado diante da moral em pratica do prussianismo cynico e esmagador.

Ah! não, mil vezes não! Contra o descalabro de energias e de consciencias reinante, só uma solução existe capaz de fecundas e vitaes transformações: um sôpro idealista de revolta destruidora dos caducos e gastos valores sobre que assentam os organismos sociaes presentes. Destruir, revolucionar! — este deve ser o grito dos rebellados que ainda confiam na capacidade aperfeiçoadora da energia individual e collectiva dos homens...

AURELINIO CORVO

TRAÇOS REBELDES

Não somos patriotas porque a patria é uma formidavel abstracção, cuja origem se firma no poderio do homem sobre o homem, tornando felizes a uns e infelizes a outros.

O patriotismo só póde convir àquelles que delle extrahem paoveito em seu bem estar exclusivo: magistrados, politicos, militarrões, etc.

Para o povo o patriotismo não representa mais do que um flagelo latente, se bem que imperceptivel para a maioria.

Assim como o bom patriota da alta roda percebe fabulosos ordenados, vive tranquilamente, bem dormido, bem alimentado, bem trajado e bem illustrado-se bem que pouco educado; o bom patriota da baixa roda, isto é, o proletariado ingenuo, vive ameaçado pela fome e pela miseria, vae ás urnas fazer mais felizes ainda os seus verdugos, e quando uma guerra é declarada veste uma farda immunda, empunha uma arma assassina e segue a caminho do campo de batalha a defender a patria, sem que, ao menos, saiba o que lá vae fazer, morrer sem saber porque, nem para quê.

Em nome da patria deixa o lar paterno, abandona paes, filhos e irmãos, deixa consternada, a morrer de dôr, a mãe querida, a noiva amada, os filhos estremecidos, expondo a vida em holocausto a um principio de sangue e morte, engendrado pelos grandes ladrões da alta finança, da industria e da governança, que não hesitam um só momento em fazer matar ou morrer os filhos do povo, porque os filhos da burguezia lá não vão.

Os grandes patriotas são geralmente grandes proprietarios, millionarios, gatunos clandestinos a quem uma invasão extrangeira viria perturbar a digestão, cerceando-lhes todos os bens que possuem e que foram conseguidos á custa do suor alheio.

Como havemos, pois, de ser patriotas?

Não é por ventura a Terra um planeta commum, que o egoismo ladravaz do homem subdividiu, creando a propriedade privada?

Não têm as religiões contribuido para a manutensão do actual estado de cousas, pregando o patriotismo como um exemplo de abnegação popular, de humilhação e ignorancia que tanto lhes convém?

Porque não vão tambem os ricos pegar em armas para se defenderem da cubiça extrangeira que lhes ameaça o que possuem e que nos foi roubado?

E' que o povo, embora não seja patriota, pensa que o é, e por isso não hesita em atirar se numa furia animal, illogica, deploravel, contra si proprio, embargando os passos das suas proprias aspirações, submetendo-se cada vez mais aos caprichos dos pulhas de képi, de casaca e de batina; escravizando-se a si mesmo, sem medir os sacrificios inuteis a que o atira a burguezia vadia, sempre disposta a tyranizar sem se preoccupar com a sua proxima...

S. B.

INDICADOR

CONFEDERAÇÃO OPERARIA BRASILEIRA—Séde da secretaria: Praça Tiradentes 71 (sobrado)—Expediente: todos os dias uteis, das 20 ás 21 horas.

FEDERAÇÃO OPERARIA DO RIO DE JANEIRO — Séde da secretaria: Praça Tiradentes 71—Expediente: todos os dias, das 19 ás 21 horas.

Syndicatos federados:

1°. UNIÃO DOS ALFAIATES — Séde: Praça Tiradentes 71—Expediedte: todos os dias, das 19 ás 21 horas.

2°. SYNDICATO DOS SAPATEIROS —Praça Tiradentes 71.—Expediente todos os dias, das 19 ás 21 horas.

3°. LIGA FEDERAL DOS EMPREGADOS EM PADARIA — Praça Tiradentes 71 — Expediente: todos os dias, das 17 às 21.

4°. CENRRO DOS OPERARIOS MARMORISTAS—Praça Tiradentes 71 —Expediente: todos os dias, das 19 ás 20 horas.

5°. LIGA INTERNACIONAL DOS PINTORES — Praça Tiradentes 71.— Expediente: todos os dias, das 19 ás horas.

6°. SYNDICATO DOS ESTUCADORES—Praça Tiradentes 71.—Expediente todos os dias, das 19 ás 21 horas.

7°. SYNDICATO OPERARIO DE OFFICIOS NARIOS—Praça Tiradentes 71.—Expediente todos os dias, das 10 ás 14 horas.

8°. SYNDICATO DOS PANIFICA- —Praça Tiradentes 71 — Expediente: todos os dias, das 10 ás 14 horas.

9°. UNIÃO DOS OPERARIOS TAMANQUEIROS — Praça Tiradentes 71. —Expediente: aos domingos, depois das 14 horas.

10°. SYNDICATO DOS OPERARIOS DAS PEDREIRAS—Rua da Passagem 161 — Expediente: ás quintas feiras, das 19 ás 21 horas. Séde da succursal: Rua Barão de Mesquita, 863—Expediente: ás terças-feiras, das 19 ás 21 horas.

SOCIEDADE UNIÃO DOS FOGUISTAS—Rua do Hospicio 159.—Expediente: das 7 ás 21 horas—Telephone 2744 Norte.

CENTRO DOS EMPREGADOS EM FERROVIAS — Rua do Hospicio 71— Expediente: das 8 as 21 horas. Telephone: 3252 Norte.

UNIÃO PROTECTORA DOS CATRAEIROS — Largo de S. Domingos 4 —Expediente: todos os dias, menosos a domingos, das 10 ás 18 horas.

UNIÃO DOS OFFICIAES DE BARBEIRO—Largo de S. Domingos 4.—Expediente: das 20 ás 21 horas.

CENTRO COSMOPOLITA—Rua do Senado 215. — Expediente: todos os dias das 13 ás 16 horas. — Telephone 1499 central.

SOCIEDADE DE RESISTENCIA DOS TRABALHADORES EM TRAPICHES E CAFE'—Rua Municipal 9. Expediente: durante todo o dia.—Telephone 1915 norte.

SOCIEDADE UNIÃO DOS ESTIVADORES—Rua do Acre 19. — Expediente: durante todo o dia. — Telephone 2631 norte.

ASSOCIAÇÃO DE RESISTENCIA DOS CARROCEIROS COCHEIROS E CLASSES ANNEXAS—Rua Marqueo de Pombal 41—Expediente: durante todz o dia. — Telephone 3101 norte.

ASSOCIAÇÃO DOS MARINHEIROS E REMADORES — Rua Conselheiro Zacharias 66. —Expediente: todos os dias, das 7 ás 20 horas — Telephone 2269 norte.

ASSOCIAÇÃO DE RESISTENCIA DOS TRABALHADORES EM CARVAO E MINERAL — Avenida do Caes do Porto 851—Expediente durante todo o dia—Telephone 3466 Norte.

CENTRO DOS CHAUFFEURS— Rua da Quitanda 6—Expediente durante todo o dia—Telephone: 978 Central.

CENTRO INTERNACIONAL — Avenida Men de Sá 78.—Expediente: das 14 ás 15 horas — Telephone 2316 Central.

UNIAO DOS EMPREGADOS NO COMMERCIO DO RIO DE JANEIRO —Rua da Assembléa 71, 2°. andar.

GREMIO DOS MACHINISTAS DA MARINHA CIVIL—Rua do Rosaria 34.

CIRCULO DOS OPERARIOS DA UNIÃO—Rua Marechal Floriano Peixoto 18.

Nem todas as associações estão aqui registradas, e das que o estão, algumas são as de que conseguimos obter informações precisas das sédes, nem das horas de expediente.

Para que este *Indicador* se torne completo, nos pedimos aos interessados que se dirijam directamente a nós, fornecendo-nos os dados sufficientes, o que de amtemão agradecemos.

INGLEZAS!

(Manufacturadas especialmente para a nossa casa)

Participamos á nossa numerosa freguezia que brevemente passamos a funccionar á rua Uruguayanan 120. Attenção: continuamos a receber sempre as varias e melhores qualidades de casimiras de acreditadas fabricas inglezas.

são todas as fazendas que empregamos nos ternos de casimira, a **50$, 60$ E 70$** sob medida, na **ALFAIATARIA INGLEZA**, depositaria das principaes fabricas da Inglaterra. Não confundir, as fazendas que empregamos nas roupas manufacturadas nesta casa são garantidas.

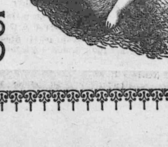
120 -- RUA URUGUAYANA -- 120

Filial á rua Uruguayana, 146 (Entre Alfandega e Hospicio)

Ser bella e Fascinante?!!

--Como?

--Simplesmente usando a **JUVENTUDE-ALEXANDRE**, unico restaurador dos cabellos que evitá a sua quéda e a caspa.



--E quando?!!

--Já, immediatamente, compre um frasco da JUVENTUDE-ALEXANDRE, que custa apenas 3$000, e poderá ser bella e fascinar o mundo.

--E onde se vende este preparado?

— A JUVENTUDE ALEXANDRE vende-se em todas as perfumarias e drogarias.

16

para a Escola Normal e foi necessaria certidão de idade lá estava no registro de baptisados da freguezia de São Pedro—filha legitima, etc. Explicação, pois, não encontrava para o desdem, e mesmo raiva e odio com que a tratava o irmão. Nunca lhe fizera um carinho, nunca lhe dirigira a palavra senão para a molestar e humilhar.

Quando teve a desconfiança de que havia um mysterio na sua vida, considerando a differença de idade do irmão e della, esmerilhando e comparando, quasi se convenceu de que os velhos não eram seus paes.

—Tanto carinho e amor, tanta solicitude, tantos zelos só encontraria eu em paes verdadeiros. Elles são meus paes, e eu os adoro.

E não quiz mais pensar em tal.

VI

Pelas portas largamente abertas, com os raios do sol entravam perfumes de jasmins e rosas na sala de jantar, e, na varanda, enfeitada de begonias e dracenas, cantavam passaros que o Commendador Noronha trouxera. Tinham ali chegado depois do almoço no Globo. e Elsa já se occupava dos arranjos da casa, que, alugada e mobiliada com muito conforto por ordem de Alcibiades, não tinha recebido a demão delicada do arranjo, da distribuição e do encanto que só a mulher sabe dar. D. Eulina não chegara ainda e a contrariedade de Alcibiades era visivel. Quasi duas horas e meia da tarde, e ella que ficara certa de vir esperal os ali, na Fabrica das Chitas, pois não podia ir a bordo porque enjoava muito, não apparecera ainda.

Causava especie e parecia desattenção.

Afinal parou á porta um *coupê*, e d. Eulina, vestida á ultima moda, foi recebida no portão do jardim pelo marido e pelo sogro.

Entraram e ficaram de palestra animada na sala de visitas.

— Onde está Sazinha? Inda Eulina não conhece a cunhadinha, disse o velho Noronha.

— Cunhadinha?

— Sim. Minha filha Elsa. Alcibiades não lhe disse que tem uma irmãsinha? disse o velho sahindo e chamando em vozes altas:

— Elsa, Sazinha... Onde andas, pequena?

Ficaram os tres na sala.

D. Eulina olhando admirada para o marido e para a sogra:

— Nunca me fallaste em tua irmã, Alcibiades.

— Nunca te fallei, porque não tenho irmãs, disse com modo irritado o dr. Alcibiades. São manias antigas de meus velhos paes. Criaram uma mulatinha e querem impingir como sua filha a filha de alguma negra da rua.

D. Eulalia empallideceu e sentiu uma grande revolta con-

13

Elle compensava os seus auxiliares indo tambem amigavelmente á derrubada, á queimada nas roças dos vizinhos. Assim progrediam suas pequenas roças, distando leguas uma das outras. Mas o ponto escolhido pelos ultimos, pelo casal, era melhor, e em torno se foram formando outras plantações, outras roças. O producto lhes chegava para viver, elles permutavam a farinha pelo feijão, o peixe pescado no rio proximo pelo legume, a caça pelo algodão. O excesso da producção, vendido na villa proxima, a muitas leguas de distancia, lhes dava os utensilios da lavoura e as roupas. Mas ia augmentando a população. Uma taverna se estabeleceu na encruzilhada, alguns ebrios surgiram.

Um dia o taverneiro foi nomeado representante da policia. Depois formou-se um quarteirão subordinado ao Juizo de paz. Em pouco tempo appareceram os impostos, qualificação de votantes, construcção de estrada e sua conservação. Foi desapparecendo a paz campezina. Formaram-se opiniões politicas, vieram as rixas das divisas, as disputas dos vizinhos, as demandas e a separação das familias e os odios da politicagem. Elle soubera de tudo e comprehendera como o Estado perturba e impede a tendencia constante do homem para a felicidade.

Absorvido pelas bôas recordações, inteiramente entregue ao seu ideal de philosophia e de altruismo, ia Anselmo, esquecido dos soffrimentos moraes que lhe acarretára o casamento, onde procurara um refugio e a paz. Agora lhe voltava a noção clara da vida actual em familia. Elle comparava a vida despreoccupada que levara depois de sua formatura, quando voltára á Bahia e assistira, já exaltado liberal opposicionista, ás festas da redempção dos escravos. Quasi se fizera conservador com João Alfredo. Depois a queda da monarchia, quando privava com Almeida Couto, e era já um dos *influentes* do partido liberal.

Ficára onde estava, ficára monarchista, e sahira da provincia. Não tardára entretanto a comprehender que toda a organização social se baseava no dominio do forte contra o fraco e que a Republica com sua constituição positivista, apezar dos esgares de igualdade, mantinha como o positivismo a distincção de classes: persistiam o operariado, o patriciado capitalista, o sacerdocio e as mulheres. A divisão do trabalho e a distribuição equitativa do bem estar artistico e intellectual e physico continuariam como privilegio de classes. Estudou o socialismo e o collectivismo com seu Estado social; e as fichas, os bonus de hora de trabalho lhe traziam a mesma impressão de dominio e de distincção.

A igualdade um sonho, a liberdade uma mentira, a fraternidade uma burla.

A Republica não satisfazia os seus idéaes humanitarios; elle queria mais. Seu ideal era a communa, e elle tinha ainda pejo de confessar a si mesmo: era a communa.

Chegára ao Rocha, e subindo lentamente a rua Gonçalves, antes de entrar no seu jardim, parou, voltou-se olhando para so

O Professor Baçú

O VERDADEIRO PODER OCCULTO

Diplomado pelo Nacional Institute of Sciences de Londres-Gabinete, funccionando no Rio de Janeiro desde 1910. Bastante conhecido pelos INNUMEROS BENEFICIOS PRATICADOS NO TRATAMENTO DA SAUDE E DA VIDA

TRATAMENTO PSYCHICO E MORAL

AFFIRMA COM SEGURANÇA QUE COMBATE EFFICAZMENTE TODA E QUALQUER MOLESTIA, SENDO ENORME O NUMERO DE PESSOAS CONSIDERADAS INCURAVEIS QUE FICARAM COMPLETAMENTE BOAS.

QUEREIS COMBATER E VENCER NA VIDA? E POSSUIR O SEGREDO DO EXITO E DA SORTE?

RPOCURAE OBTER JA' a Guia de Jerusalém (Sacred power of miraclous Jerusalém a guide), poderosa segurança nos passos da vida. E' proveitoso a todos homens e senhoras trazerem o seu corpo guardado com uma guia dominando o medo, por mais vivo que seja, os aborrecimentos, a dor, a colera, a timidez e as emoções de qualquer natureza. Preço 5$000. Pelo correio 6$000. A TODOS OS QUE SOFFREM DE QUALQUER MOLESTIA, pede — nome, edade, moradia e enveloppe selado para a resposta.

CONSULTAS DIARIAS DAS 9 A'S 5 HORAS DA TARDE.

379 — RUA DO RIACHUELO — 379

AO PUBLICO E AOS MEUS CLIENTES

O QUE DIZ A IMPRENSA E POVO QUE JULGUE OS BAÇÚS

Qual dos dois é o verdadeiro?

A policia mandou fechar o consultorio do "Baçú" Jorge Kelly

«O celebre caso dos "Baçús" entrou agora em uma nova phase com a intervenção energica da policia carioca.

Como se sabe, estavam em jogo os nomes do capitão honorario do exercito Leão de Aquino Balceiros e o do individuo Jorge Kelly. Ambos dizem-se conhecedores das sciencias occultas, querendo cada um delles ser o verdadeiro professor "Baçú".

Sendo o escandaloso caso divulgado pela imprensa, o 1º delegado resolveu agir, afim de apurar a veracidade da denuncia.

Abrindo rigoroso inquerito, logo em seu inicio, o dr. Leon Roussoulières procurou colher informações sobre os precedentes dos dois "professores" em luta.

Jorge Kelly, segundo apurou a policia, tem tido uma vida toda cheia de accidentes compromettedores.

Tendo sido embarcadiço, abandonou esta profissão para verificar praça, em 1906, na Brigada Policial, isto quando commandava essa milicia o general Souza Aguiar.

Da Brigada, passou-se Jorge Kelly para a casa commercial Walter Brothers, á rua da Quitanda, onde permaneceu pouco tempo.

Durante o tempo em que esteve na Brigada, serviu Jorge sob a direcção do coronel Vieira Pamplona, no serviço de installação de caixas de soccorros policiaes.

Na casa Walter Brothers desempenhava as funcções de auxiliar de installação das caixas metallicas usadas no Archivo Municipal. Dahi, foi elle dispensado por ter a casa recebido um aviso da Prefeitura prohibindo a entrada de seu empregado nas dependencias daquella repartição.

Sobre o capitão Balseiros, até agora conseguiu a policia apurar o seguinte:

Em 1891, contraindo matrimonio, foi elle para o Estado do Paraná, onde fixou residencia, ahi desempenhando, por varias vezes, cargos publicos de responsabilidades.

Durante o governo Vicente Machado, occupou elle os seguintes cargos: official maior do Congresso Estadual, 1º official da Secretaria do Interior, sendo, por essa occasião designado para exercer, em commissão, o logar de secretario particular da presidencia.

Tendo feito concurso em 1890, foi o capitão Balseiros nomeado tabellião de notas e escrivão do civil, orphãos e casamentos, na comarca de S. José dos Pinhões.

Abandonando o cargo, por questões politicas, veiu para esta capital, empregando sua actividade na revisão do *Jornal do Commercio* e *Diario de Noticias*.

De 1900 a 1906 exerceu o cargo de administrador do Lyceu de Artes e Officios, onde conquistou amizades de todo o pessoal do estabelecimento, inclusive o seu actual director.

Deante das informações acima, a policia, com a maior facilidade, poderá apurar qual dos dois "Baçús" é o intrujão.

Entretanto, emquanto não fôr encerrado o inquerito, a policia mandou fechar o "escriptorio" de Jorge Kelly á rua dos Invalidos, afim de evitar que novas victimas sejam exploradas pelo ex-soldado de policia, que parece nada conhecer de sciencias occultas...»

(Editorial da *Gazeta da Tarde*, de 4 do corrente).

A PEDIDO

«A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil»

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

Séde social: Avenida Rio Branco — Rio de Janeiro (Edificio de sua propriedade)

Relação das apolices sorteadas em dinheiro, em vida do segurado

37º SORTEIO — 15 de Outubro de 1915

86.715 — D. Raymunda Botelho de Paiva — Manáos, Amazonas.

86.158 — Joaquim F. do Amaral e Silva — Rio Negro, Paraná.

36.256 — João Moura Junior — Florianopolis, Santa Catharina.

80 564 — Joaquim José Vivas — São Gonçalo, Estado do Rio.

95.251 — Nelson Martins Desouzart — Ladario, Mato-Grosso.

93.764 — Nilo de Souza Carvalho — Fortaleza, Ceará.

42.200 — Oswaldo M. F. P. da Silva — Recife, Pernambuco.

88.854 — Rodolpho Barreto Germano — S. Salvador, Bahia.

92.668 — José de Freitas Tinoco — São Paulo.

95.034 — Francisco Prestero — Campinas, S. Paulo.

42.671 — Evaristo Barbosa de Oliveira — Apparecida, Minas.

89.603 — Francisco Custodio da Veiga — S. João Nepomuceno de Lavras, Minas.

94.237 — Herculano Antunes Coelho — Capital Federal.

88.086 — D. Dulce Lourenço — Capital Federal.

89.681 — José Monteiro França — Capital Federal.

50.253 — Antonio Francisco Corrêa — Capital Federal.

Recebi d'*A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil*, Sociedade de Seguros Mutuos sobre a Vida, a quantia de cinco contos de réis (5:000$000), proveniente do sorteio a que se procedeu em 15 de Outubro deste anno, em suas apolices sorteaveis em dinheiro e em cujo sorteio foi a minha apolice, sob n. 95 034, contemplada, permanecendo a mesma em vigor, nos termos do actual contrato do seguro, menos 500$000 de imposto federal, que me entregará «A Equitativa» desde que o Governo attenda á reclamação feita pela mesma.

Rio de Janeiro, 15 de Outubro de 1915.

FRANCISCO PRESTERA

Testemunhas: Telmo de Mello e Manoel Martins. (Firmas reconhecidas.)

Recebi d'*A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil*, Sociedade de Seguros Mutuos sobre a Vida, a quantia de cinco contos de réis (5:000$000), proveniente do sorteio a que se procedeu em 15 de Outubro deste anno, em suas apolices sorteaveis em dinheiro e em cujo sorteio foi a minha apolice, sob n. 89.681, contemplada, permanecendo a mesma em vigor, nos termos do actual contrato do seguro, menos 500$000 de imposto federal, que me entregará «A Equitativa» desde que o Governo attenda á reclamação feita pela mesma.

Rio de Janeiro, 15 de Outubro de 1915.

JOSE' MONTEIRO FRANÇA

Testemunhas: Antonio L. dos Reis e Flavio da Silva Ramos. (Firmas reconhecidas.)

Recebi d'*A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil*, Sociedade de Seguros Mutuos sobre a Vida, a quantia de cinco contos de réis (5:000$000), proveniente do sorteio a que se procedeu em 15 de Outubro deste anno, em suas apolices sorteaveis em dinheiro e em cujo sorteio foi a minha apolice, sob n. 50.253, contemplada, permanecendo a mesma em vigor, nos termos do actual contrato do seguro, menos 500$000 de imposto federal, que me entregará «A Equitativa» desde que o Governo attenda á reclamação feita pela mesma.

Rio de Janeiro, 15 de Outubro de 1915.

ANTONIO FRANCISCO CORRÊA

Testemunhas: Telmo de Mello e Manoel Martins. (Firmas reconhecidas).

A «A Equitativa» tem sorteado até esta data 978 apolices, no valor de 3.986:590$, importancia paga EM DINHEIRO, aos respectivos segurados, continuando as mesmas apolices em vigor, com direito aos sorteios ulteriores, de conformidade com as clausulas respectivas.

Para incommodos de Senhoras

A SAUDE DA MULHER

Poucas colheres allíviam
Poucos frascos curam:

Flores Brancas

Incommodos da edade critica.
Regras dolorosas.
Colicas uterinas.
Inflammação do utero.
Hemorrhagias.
Suspensão.

Laboratorio Daudt & Lagunilla
Rio de Janeiro

Vende-se em todas as pharmacias do Brazil

LIVROS, JORNAES E REVISTAS

"A INTERNACIONAL"

DE

Alba, Vieytes & Rodrigues

FORNECEM-SE CATALOGOS

CAIXA POSTAL 1.936

RIO DE JANEIRO

ALFAIATARIA

LEAL JUNIOR

Roupas sob medida
Para homens e senhoras.

Preços modicos e a prestações

Rua do Lavradio, 28

Telephone 472 S-Central

Escola Remington

Dactylographia, tachygraphia, redacção, escripturação e calculos commerciaes, linguas vivas e desenho.

Rua 7 de Setembro, 67

EXPLICADOR

Linguas e diversas materias do curso Secundario e Normal.

RUA DR. CELESTINO, 56 A
NICTHEROY

A collecção dos 10 primeiros numeros de "Na Barricada", é vendida nesta redacção ou pelo correio, a 2.000 reis.

14

verdes e incultos campos que se estendem para os lados da Praia Pequena. Bemfica e Inhaúma e foi ruminando as suas idéas de economia politica; pensando na producção daquelles campos, se fosse aproveitado na sua cultura o mundo inteiro de ociosos e gosadores que perambulam pela cidade, enchendo os cafés e lupanares.

V

No meio de cerrado nevoeiro parou o Transatlantico, e umas vagasinhas miúdas ciciavam no costado alto: grandes gaivotas, sahindo abruptamente da bruma matinal, pareciam passaros de magica rompendo septos de papel.

Terminára já a baldeação do convez.

Elsa sahindo do seu camarote subiu para o passadiço pisando o convez com as pontas dos sapatinhos, aos saltos, com as saias um pouco suspensas e o corpo airoso envolto em um chale.

— Prrr, Paesinho, que frio! Bom dia. Mãesinha geme desde o Cabo Frio; diz que vem morrer aqui, que sua velhice não supporta frio assim. Mas onde está a Bella encantada? Onde está o Rio de Janeiro? Já estamos aqui ha tanto tempo e não vejo nada: só cerração e uma ou outra gaivota. Ora, Paesinho, Vosmecê descrevia com tanto calor as bellezas da bahia do Rio de Janeiro, e afinal diz o Commandante—chegamos—e eu não vejo nada.

— Espera, sofrega!

Vinha ruflando, e sibilando com um grande ruido de grandes azas agitadas a lanchinha da saúde dos Portos.

A nevoa começou a desaggregar-se no alto, e os pontos onde se tornava transparente os raios alegres do sol iam atravessando. Os altos perfis das montanhas furavam a neblina que pesadamente se accamava nas encostas. Como ilhéos, o Corcovado e os picos da Tijuca se elevaram no mar immenso do nevoeiro. Elsa embevecida acompanhava aquelle *lever du rideau*. A floresta matizada abaixo dos cabeços descalvados e escuros, os ridentes chalets pelas verdejantes collinas surgindo dentre o mattagal florido, pequenos agrupamentos como aldeias suissas suspensas nas quebradas dos morros á beira da matta sombria, ella ia vendo apparecer como num encantamento. Foram se destacando os zimborios, as torres e um montão sem numero de tectos se succedendo pela esplanada entre os morros; e os combustores de illuminação nas praias e nas alturas, como as vidraças, refractando a luz crua do sol matinal.

Uma floresta de mastros no fundo da bahia. A fortaleza de Villegaignon com seus coqueiros, a Ilha Fiscal como um palacio de fadas, passavam sob seus olhos, recuando, recuando, e do lado opposto a Boa Viagem, Nictheroy, o monumento á Virgem dos Salesianos e lá fechando o horizonte os alcantis da serra dos Orgãos meio vestidos ainda de farrapos de nuvens. Elsa comparou esta com a bahia de Todos os Santos, tambem bella, com sua cidade de presepe grimpando pela collina, agarrando-se ás copadas mangueiras, com o espanejamento tropical das altas palmeiras.

15

A barra larga, ao longe, deixando ver o mar revolto lá fóra, espumoso e cantante, e as ilhotas gentis, Itapagipe, o Bomfim e no fundo a Plataforma e o caminho do Reconcavo ella revia agora, lembrando-se das innumeras viagens que fizera para Itaparica e Santo Amaro, Cachoeira e na Estrada de Ferro, passando a grande ponte que liga Itapagipe á Plataforme sobre um braço de mar que por alli se intromette.

Elsa estava tão entretida a olhar o mar azul que o paquete agora vagarosamente cortava em direcção ao poço, vendo uma frota inteira de botes e saveiros acompanhando o navio, que não percebera que já estava a bordo o dr. Alcibiades.

Só depois, quando elle voltando de baixo, onde fôra comprimentar d. Eulalia, conversava com o velho, ella o apercebera. Sentiu a menina um forte aperto no coração; não gostava de Alcibiades: os seus modos brutaes para com ella nas poucas vezes em que estivera na Bahia a passeio ou em transito para Europa, a intimidavam; o modo escarninho com que a tratava sempre tornara odioso.

Aquella mudança para o Rio de Janeiro só lhe desgostára pela certeza que tinha de o encontrar sempre, e de se ver continuamente humilhada. Demais elle agora estava casado, e ninguem sabia o que era sua mulher.

Toda a alegria daquella manhã, todo o prazer de vizitar pela primeira vez uma cidade desconhecida, toda a estupefacção que lhe trouxera a perspectiva daquella natureza tão differente da que ella estava habituada a ver, cahiram e se transformaram em uma grande preoccupação pelos desgostos dos dias que vinham.

Teve vontade de chorar e correu para o camarote de d. Eulalia que já se preparava para sahir. Subiram para o passadiço e Elsa muito timidamente, sem lhe estender a mãosinha enluvada, saudou Alcibiades. Elle, apenas a olhando, disse:

— Viva! e deu-lhe as costas.

— Não conheces mais Elsa, meu filho? Ella está muito crescida, não achas, disse d. Eulalia?

— Sim, sim, está moça. Olhe a lancha, meu pae. Vamos: está ficando tarde.

Tomaram a lancha. Elsa procurava a razão da malquerença daquelle que ella suppunha seu irmão.

Tempo houve em que nenhuma duvida ella tivera de que fosse realmente filha dos velhos; mas um dia um criado reprehendido a chamara de—engeitada. Outra vez na rua alguem dissera—bonita mulatinha, e ella percebera que os seus traços formosos tinham um que de mestiçagem. Examinou o nariz e achou-o um pouco achatado, pouco, muito pouquinho. Mas havia alguma cousa no ondeado do cabello, nos labios corados e polposos, nas sombras das palpebras, alguma cousa de muito vago no moreno das faces que denunciava nella uma mestiça. Entretanto, quando quiz entrar

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Companhia de Loterias Nacionaes do Brazil

Extracções publicas sob a fiscalisação do Governo Federal, ás 2 1|2 horas e aos sabbados ás 3 horas á rua Visconde de Itaborahy n. 45

SABBADO, 23 DE OUTUBRO

A's 3 horas da tarde — 309 — 38.ª

50:000$000

Inteiros 4$000 — Quintos a $800

SABBADO, 30 DE OUTUBRO

A's 3 horas da tarde — 309 — 39.ª

50:000$000

Inteiros 4$000 — Quintos $800

SABBADO, 6 DE NOVEMBRO

A's 3 horas da tarde — 3 0 — 2 .ª

100:000$000

Decimos $800 — Quintos a $800

N. B. — Os premios superiores a 200$ estão sujeitos ao desconto de 5 °|o.

Os pedidos de bilhetes do interior devem ser acompanhados de mais 500 réis para o porte do Correio e dirigidos aos agentes geraes NAZARETH & C., rua do Ouvidor n. 94 Caixa n. 817 Teleg. LUSVEL e na casa F. Guimarães, Rosario 71 esquina do Becco das Cancellas, Caixa do Correio n. 1273.